O A
TE
NEU

O ATENEU

raul pompeia

textos informativos: fátima mesquita

(CRÔNICA DE SAUDADES)

PANDA BOOKS

© Panda Books

Diretor editorial
Marcelo Duarte

Diretora comercial
Patth Pachas

Diretora de projetos especiais
Tatiana Fulas

Coordenadora editorial
Vanessa Sayuri Sawada

Assistentes editoriais
Camila Martins
Henrique Torres

Projeto gráfico e capa
Casa Rex

Diagramação
Daniel Argento

Notas
Fátima Mesquita

Estabelecimento de texto
Ronald Polito

Edição das notas
Boris Fatigati

Revisão
Boris Fatigati
Cristiane Fogaça

Fotos
p. 17, 44 e 217: © Panda Books; p. 20: Kletr/Shutterstock; p. 29: © Georg Pahl/Das Bundesarchiv/Bild 102-13355/CC BY-SA 3.0; p. 37: © zinkevych/Freepik; p. 45: © Twdk/CC BY-SA 3.0; p. 71: © kstudio/Freepik; p. 75, 184 e 212 (balaústre): © WireStock/Freepik; p. 91: © Alexandra Pessoa/Museu Nacional Grão Vasco/DGPC; p. 160: © Jacques-Louis David/Schloss Charlottenburg/domínio público; p. 170: © Daniel McClosky/CC BY-SA 4.0; p. 197: © Siloto/Shutterstock; p. 212 (lambrequim): © Thierry Caro/domínio público/Wikimedia Commons; p. 233: © Freepik

Impressão
Loyola

Este livro foi estabelecido com base na primeira edição, de 1888, publicada por Typ. da "Gazeta de Notícias", e na segunda edição definitiva, de 1905, publicada pela Livraria Francisco Alves & Cia. e Typographia Aillaud, Alves & Cia. As ilustrações originais de Raul Pompeia foram gentilmente cedidas pela Biblioteca Brasiliana Guita e José Mindlin.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

P849a
Pompeia, Raul, 1863-1895
O Ateneu (crônica de saudades) / Raul Pompeia; textos informativos Fátima Mesquita. – 1. ed. – São Paulo: Panda Books, 2022. 248 pp. il.

ISBN: 978-65-5697-178-0

1. Romance brasileiro. I. Mesquita, Fátima. II. Título.

21-74004 CDD: 869.3
CDU: 82-31(81)

Bibliotecária: Meri Gleice Rodrigues de Souza – CRB-7/6439

2022
Todos os direitos reservados à Panda Books.
Um selo da Editora Original Ltda.
Rua Henrique Schaumann, 286, cj. 41
05413-010 – São Paulo – SP
Tel./Fax: (11) 3088-8444
edoriginal@pandabooks.com.br
www.pandabooks.com.br
Visite nosso Facebook, Instagram e Twitter.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização da Editora Original Ltda. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

O QUE É UM CLÁSSICO?

Não sei você, mas pra mim "clássico" mesmo é jogo de futebol, tipo Fla X Flu, Coringão X Porco, Brasil X Argentina. Só que, na escola, os professores de português e de literatura cismavam em dizer que "clássico" eram os livros chatos que eles queriam porque queriam que a turma toda lesse. Ah, e não bastava empurrar pra cima da gente livro velho de fala complicada que a gente mal entendia. Além disso, eles ainda queriam que a gente fizesse exercício e prova sobre os textos. Pode haver castigo maior? E por que é assim?

Na minha aventura para tentar entender esse grande mistério da humanidade, comecei checando no dicionário o que quer dizer a palavra "clássico". A definição varia de A a Z, mas lá pelas tantas diz mais ou menos assim: "Obra que se mantém ao longo dos tempos, que se tornou um modelo de inspiração, que pela sua qualidade obteve consagração definitiva".

Beleza. Pra mim, saber melhor o que é considerado um "clássico" já ajudava a entender muita coisa, mas não mudava a minha opinião de que os clássicos eram uns chatos de galocha! E eu segui batendo nessa tecla por muito tempo, até que resolvi reler livros que eu havia empurrado com a barriga na escola pra ver se dava para acabar com essa conversa de sempre: de que os tais "clássicos da literatura brasileira" eram uns livros mais chatos que bêbado contando sonho. E, galera, vou admitir: quanto mais eu lia, mais eu gostava do que eu lia e mais eu me espantava com isso :)

O HOMEM LOBO E O LOBO DO HOMEM

Raul d'Ávila Pompeia teve uma carreira curta, morreu cedo. Mas deixou este *O Ateneu* aqui, que é um livro bem interessante sob vários pontos de vista. Eu, que curto história e adoro saber como as pessoas viviam, acho uma viagem pra lá de boa sentar em casa e me sentir no pátio de um recreio de um internato como se eu estivesse lá, no meio de uma turma de meninos vivendo e descobrindo o mundo bem uns duzentos anos atrás. Não é demais? Só que aí vem a minha curiosidade me cutucar: quem era Raul, gente?

Bom, antes de falar mais sobre Pompeia, queria dar um plá aqui sobre o nome Raul, que, dizem, tem origem no inglês

antigão (Rædwulf) e quer dizer "lobo conselheiro". Esse lobinho nosso aqui, então, nasceu em Angra dos Reis, no Rio de Janeiro, em 1863, em uma família bem de vida de Minas Gerais. E morreu vítima do que Plauto, dramaturgo das antiguidades, chamou de lobo do homem. Vem ver.

TRAMAS, TRETAS E OUTROS DRAMAS

Com dez anos de idade, Raul, o lobo sem garras, foi estudar na cidade do Rio, no que era considerada uma das melhores escolas de então, o Colégio Abílio, e tomou o maior susto da sua vida porque o ambiente ali era barra-pesada. E é dessa experiência e da convivência com o Barão de Macaúbas, diretor desse internato, que o autor se serve na composição deste *O Ateneu*, que foi publicado em 1888.

Mas não foi só no Abílio que Raul estudou. Ele também frequentou o Colégio Pedro II – que existe até hoje no Rio de Janeiro. Depois fez direito, começando em São Paulo. Por lá, no entanto, tomou pau, não porque não sabia a matéria, mas por tretas de briga política. Aí ele e mais uma turma de colegas se mudaram para Recife. Raul se formou, então, lá na capital pernambucana, mas nunquinha nem chegou a trabalhar como advogado.

O que ele fez foi até bem diferente. Por exemplo, deu aula de mitologia grega e romana na Escola Nacional de Belas Artes (e tem muito trechinho neste livro aqui que bota um pé nisso), foi diretor do *Diário Oficial* (jornal que o governo publica e em que saem todas as ordens, leis, contratações, demissões e que também costuma ter espaço para outros materiais) e escreveu para diversos jornais. Mas o trampo que marcou total tanto a sua vida quanto a sua morte foi o de diretor da Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro. Até porque foi ali que lobos grandes deram no Raul uma dentada fatal.

DUELO, ENTERRO E BUUUUM

Pompeia era ativo nas coisas da política. Vivendo num Brasilzão ainda muito agrário, ainda explorando gente escravizada e sob um regime monárquico, o cara se metia toda hora numas enrascadas, porque defendia e participava do movimento que queria abolir a escravatura e dos esforços que rolavam para pressionar

pela declaração da República, pelo fim daquela coisa de rei e imperador com cargo herdado de família.

E ele estava do lado que ganhou, né? A abolição da escravidão veio em 1888 e a monarquia foi enterrada no Brasil no ano seguinte. Nosso lobo Raul estava, então, feliz e trabalhando na Biblioteca Nacional. Quer dizer, feliz ele nunca foi muito, não. Era um sujeito complicado, da sofrência, meio nervoso, sensível, com tendência a se chatear e a chatear os outros.

Uma vez, entrou num bate-boca bravo com o poeta Olavo Bilac e chegou a chamar o cara pra resolver aquela desavença num duelo. E o troço só não rolou porque pintou uma turma do deixa-disso que acalmou os ânimos.

Mas aí Floriano Peixoto – que foi o primeiro vice e o segundo presidente do Brasil – morreu. O nosso autor se entusiasmou e fez um discurso no enterro do homem, aproveitando a ocasião pra descer a lenha em Prudente de Morais, que tinha assumido a presidência depois do Floriano.

Caracas! Deu ruim demais! O patrão dele era o Prudente, que mais que depressa despediu Raul. Daí, uns meses depois do tal enterro, um jornalista chamado Luís Murat escreveu um artigo no jornal *A Notícia* detonando Pompeia, descascou Raul de cabo a rabo, dizendo que ele havia merecido mesmo ser demitido e que tinha fugido da raia no lance do duelo com Bilac. Enfim, descatitou geral!

Pompeia, pê da vida, escreveu lá um artigo-resposta, mas não encontrou nenhum jornal que topasse publicar aquilo. E no meio daquela confa toda, já sem muitos amigos, nosso lobo foi ficando cada vez mais solitário, amargurado e deprimidão.

Até que Raul, que sempre havia sido um sujeito angustiado, meio cabreiro, de nervos exaltados, não segurou a onda e buuuuum, se matou com um tiro no peito, no dia de Natal, na frente da mãe, com direito a uma carta botando a culpa no jornal *A Notícia* e no Brasil como um todo. Jovem e talentoso, Pompeia morreu aos 32 anos, em 1895. Vítima do que dizia Plauto, né: as pessoas agem, às vezes, como um lobo feroz partindo pra cima dos outros.

BULLYING, SEXO, HOMOSSEXUALIDADE E MUUUUITO MAIS

Escritor, mas também desenhista e escultor, Raul ilustrou mais de um livro seu, inclusive a segunda edição definitiva do mais conhecido deles, que é *O Ateneu*. Além disso, ele também publicou *Uma tragédia no Amazonas* (1880), *As joias da coroa* (1884), *Microscópicos* (1881) e, no mesmo ano, *Canções sem metro*. Saiu também *Alma morta* (1888), um volume em que ele reuniu coisas que havia publicado no jornal *Gazeta da Tarde*.

O Ateneu, aliás, foi assim também: surgiu primeiro como folhetim, em capítulos no jornal *Gazeta da Tarde*, e só depois virou livro. E que livro diferente ele era praquela época, viu? Era ousado, tocando em assuntos complicados como homossexualidade, desejo, incesto, agressividade, *bullying*, sexo, autoritarismo, hipocrisia, vingança, raiva, maus-tratos, abuso... Mas é, sobretudo, uma baita crítica à sociedade da época, além de bastante autobiográfico.

Agora, as novidades iam além dos temas e incluíam o modo, a forma como ele escreveu, explorando menos os fatos, menos o enredo e mais as sensações, os sentimentos, as impressões e os relacionamentos. Tudo isso ainda com um vocabulário no capricho, viu, com descrições muitas vezes diferentonas e interessantes das coisas, das pessoas, situações e sensações.

ROUBADAS E LOBADAS

Em geral, as histórias são assim: introdução, conflito, conflito, resolução e tchau, né? Mas este livro aqui é da pá virada e não tem nada disso. Aqui a gente segue é um monte de observações do Sérgio, o protagonista, enquanto ele enfrenta várias roubadas e muito lobo doido para jantar o próximo.

Sérgio é um moleque bem dos inocentes que está fincando seu pé na adolescência, todo animado, mas que logo descobre que o ambiente do colégio Ateneu, um internato só para meninos, é bem-bem barra-pesada.

Aristarco é o diretor do colégio, que humilha os alunos que têm dificuldades, e parece sempre mais interessado em fama e grana que qualquer outra coisa. Ele se vende como um espe-

cialista total em educação, mas é autoritário, vaidoso pra mais de metro e fica ali posando de rei da moral.

Pelo livro afora, a gente vai vendo o Sérgio ficando mais próximo de alguns colegas, como Sanchez, Franco, Bento Alves e Egbert. Cada um deles revela um pouco das fraquezas, dos medos, dos conflitos do personagem principal, e vai assim nos mostrando mais e mais sobre as relações de poder, a descoberta do amor e da vontade de transar, a educação praticamente como uma tortura, o contexto social, político e econômico do Rio de Janeiro e do Brasil do final do século XIX.

E enquanto a gente lê, se pega comparando anotações da memória: "Ah, no meu tempo de escola tinha isso aí". "Hummm, isso eu nunca vi rolando." "Ah, era assim mesmo." "Olha lá como era, ai, ai, ai." Ou, em outras palavras, vale a pena fazer essa viagem na companhia do Sérgio, tá ligado? Porque a gente aprende com ele muito sobre o nosso país, mas, sobretudo, sobre a gente mesmo.

Por conta dessas características todas, a definição de *O Ateneu* às vezes varia de um estudioso para outro. Muita gente aponta que este é um livro que se encaixa como luva no realismo e no naturalismo. Mas tem outra tchurma que diz não, que este livro tem mais a ver é com o simbolismo, que ele é totalmente impressionista. De um jeito ou de outro, é uma leitura das boas.

Como toda obra desse período, esta aqui também traz um vocabulário antigo, mofado, e por isso mesmo muitas vezes desconhecido. Para isso, me proponho a seguir ao seu lado, **"traduzindo"** os termos mais cabeludos e dando umas pitadas de contexto, pra ver se você lê sem tropicar nesses perrengues e, quem sabe, chega até a se divertir à beça. Então, deixe logo de lero-lero e não-quero-quero e mete o peito nesta leitura que é legal... Bora lá!

Fátima Mesquita

SUMÁRIO

I	12
II	30
III	47
IV	66
V	89
VI	111
VII	136
VIII	158
IX	179
X	190
XI	204
XII	225

I

“Vais encontrar o mundo”, disse-me meu pai, à porta do *Ateneu*. “Coragem para a luta.”

Bastante experimentei depois a verdade deste aviso, que me despia, num gesto, das ilusões de criança educada exoticamente na estufa de carinho que é o regime do amor doméstico, diferente do que se encontra fora, tão diferente, que parece o poema dos cuidados maternos um **artifício** sentimental, com a vantagem única de fazer mais sensível a criatura à impressão rude do primeiro ensinamento, **têmpera** brusca da vitalidade na influência de um novo clima rigoroso. Lembramo-nos, entretanto, com saudade hipócrita, dos felizes tempos; como se a mesma incerteza de hoje, sob outro aspecto, não nos houvesse perseguido outrora e não viesse de longe a enfiada das decepções que nos ultrajam.

Eufemismo, os felizes tempos, eufemismo apenas, igual aos outros que nos alimentam, a saudade dos dias que correram como melhores. Bem considerando, a atualidade é a mesma em todas as datas. Feita a compensação dos desejos

Na Grécia Antiga, Ateneu era o templo dedicado à Palas Atena, deusa da sabedoria. Daí o termo ser sinônimo de escola.

Artifício: recurso esperto.

Têmpera é um choque de temperatura que se dá em um metal para torná-lo mais resistente.

Eufemismo é uma figura de linguagem usada para suavizar a informação. Tipo: dizer que a pessoa "descansou", em vez de "morreu".

que variam, das aspirações que se transformam, **alentadas** perpetuamente do mesmo ardor, sobre a mesma base fantástica de esperanças, a atualidade é uma. Sob a coloração **cambiante** das horas, um pouco de ouro mais pela manhã, um pouco mais de púrpura ao crepúsculo – a paisagem é a mesma de cada lado beirando a estrada da vida.

Eu tinha onze anos.

Frequentara como externo, durante alguns meses, uma escola familiar do Caminho Novo, onde algumas senhoras inglesas, sob a direção do pai, distribuíam educação à infância como melhor lhes parecia. Entrava às nove horas, timidamente, ignorando as lições com a maior regularidade, e bocejava até às duas, torcendo-me de **insipidez** sobre os carcomidos bancos que o colégio comprara, de pinho e usados, lustrosos do contato da malandragem de não sei quantas gerações de pequenos. Ao meio-dia, davam-nos pão com manteiga. Esta recordação gulosa é o que mais pronunciadamente me ficou dos meses de **externato**; com a lembrança de alguns companheiros – um que gostava de fazer rir à aula, espécie interes-

Alentado: confortado, animado.

Cambiante: variável, mutável.

Insipidez: sem graça, sem ânimo.

Quem mora na escola em que estuda está em um internato. Quem volta para casa depois da aula está em um externato.

Mono: macaco.

Adamado: afeminado, delicado.

Partista é quem é cheio de partes, exigências, pessoa certinha.

Monograma é o agrupamento de letras para formar um símbolo, como as iniciais do nome e sobrenome.

Conchego placentário é o conforto de estar na barriga da mãe.

Pelotão de chumbo são os clássicos soldadinhos de chumbo de brinquedo.

Ele garantia a paz (concórdia) guardando amigos e inimigos (mistura promíscua, imoral) juntos em uma caixa de madeira.

O vapor de linha circular é um Ferrorama, uma locomotiva a vapor de brinquedo sob trilhos.

Argentado: prateado.

Tinhorão: espécie de planta com folhas avermelhadas.

Adamantino: parecido com diamante.

sante de **mono** louro, arrepiado, vivendo a morder, nas costas da mão esquerda, uma protuberância calosa que tinha; outro, **adamado**, elegante, sempre retirado, que vinha à escola de branco, engomadinho e radioso, fechada a blusa em diagonal do ombro à cinta por botões de madrepérola. Mais ainda: a primeira vez que ouvi certa injúria crespa, um palavrão cercado de terror no estabelecimento, que os **partistas** denunciavam às mestras por duas iniciais como em **monograma**.

Lecionou-me depois um professor em domicílio.

Apesar deste ensaio da vida escolar a que me sujeitou a família, antes da verdadeira provação, eu estava perfeitamente virgem para as sensações novas da nova fase. O internato! Destacada do **conchego placentário** da dieta caseira, vinha próximo o momento de se definir a minha individualidade. Amarguei por antecipação o adeus às primeiras alegrias; olhei triste os meus brinquedos, antigos já! os meus queridos **pelotões de chumbo**! espécie de museu militar de todas as fardas, de todas as bandeiras, escolhida amostra da força dos Estados, em proporções de microscópio, que eu fazia formar a combate como uma ameaça tenebrosa ao equilíbrio do mundo; que eu fazia guerrear em desordenado aperto, – massa tempestuosa das antipatias geográficas, encontro definitivo e ebulição dos seculares ódios de fronteira e de raça, que eu pacificava por fim, com uma facilidade de Providência Divina, intervindo sabiamente, resolvendo as pendências pela **concórdia promíscua das caixas de pau**. Força era deixar à ferrugem do abandono o elegante **vapor da linha circular** do lago, no jardim, onde talvez não mais tornasse a perturbar com a palpitação das rodas a sonolência morosa dos peixinhos, rubros, dourados, **argentados**, pensativos à sombra dos **tinhorões**, na transparência **adamantina** da água...

Mas um movimento animou-me, primeiro estímulo sério da vaidade: distanciava-me da comunhão da família, como um homem! ia por minha conta empenhar a luta dos merecimentos; e a confiança nas próprias forças sobrava. Quando me disseram que estava a escolha feita da casa de educação que me devia receber, a notícia veio achar-me em armas para a conquista audaciosa do desconhecido.

Um dia, meu pai tomou-me pela mão, minha mãe beijou-me a testa, molhando-me de lágrimas os cabelos e eu parti.

Duas vezes fora visitar o *Ateneu* antes da minha instalação.

Ateneu era o grande colégio da época. **Afamado por um sistema de nutrido reclame**, mantido por um diretor que de tempos a tempos reformava o estabelecimento, pintando-o jeitosamente de novidade, como os negociantes que liquidam para recomeçar com artigos de última remessa, o *Ateneu* desde muito tinha consolidado crédito na preferência dos pais, sem levar em conta a simpatia da meninada, a cercar de **aclamações o bombo vistoso dos anúncios**.

O **Dr. Aristarco Argolo de Ramos**, da conhecida família do visconde de Ramos, do Norte, enchia o Império com o seu renome de pedagogo. Eram boletins de propaganda pelas províncias, conferências em diversos pontos da cidade, a pedidos, à **sustância**, atochando a imprensa dos lugarejos, caixões, sobretudo, de livros elementares, fabricados às pressas com o ofegante e esbaforido **concurso** de professores prudentemente anônimos, caixões e mais caixões de volumes cartonados em **Leipzig**, inundando as escolas públicas de toda a parte com a sua invasão de capas azuis, róseas, amarelas, em que o nome de Aristarco, inteiro e sonoro, oferecia-se ao

Em grego, Aristarco significa "a melhor direção", "o melhor governo". Raul Pompeia aqui se inspirou no fundador do internato em que ele estudou: Abílio César Borges, o Barão de Macaúbas (1824-91), que vendia e doava volumes da sua coleção Livro de Leitura para as escolas e foi um dos primeiros a agitar os livros didáticos no Brasil.

Traduzindo: era famoso (afamado) porque faziam a maior (nutrido) propaganda (reclame).

Os alunos comemoravam, elogiavam (aclamar) o que diziam os anúncios em estrondo (bombo).

Sustância: luxo, elegância.

Concurso: colaboração.

Leipzig é uma cidade alemã tradicional na impressão de livros e conhecida por fazer uma capa dura típica de lá. Foi a primeira do mundo a ter jornal diário.

Famintos (esfaimados) por aprender a ler (alfabeto).

Benemérito: benfeitor.

Opulentar: exibir, ostentar.

Berloque: enfeite, penduricalho.

Couraça de grilos: armadura barulhenta.

O exímio (excelso) todo-poderoso (autocrata, aquele que tem o poder absoluto) da cartilha de alfabetização (silabário).

Hierático: sagrado, que pertence aos sacerdotes.

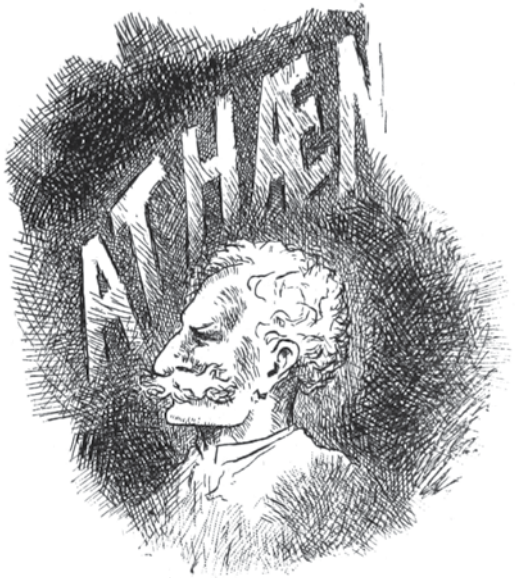
Crispação: ato de enrugar.

Circunstante: ao redor.

Escanhoado: barbeado bem rente.

pasmo venerador dos **esfaimados de alfabeto** dos confins da pátria. Os lugares que os não procuravam eram um belo dia surpreendidos pela enchente, gratuita, espontânea, irresistível! E não havia senão aceitar a farinha daquela marca para o pão do espírito. E engordavam as letras, à força, daquele pão. Um **benemérito**. Não admira que em dias de gala, íntima ou nacional, festas do colégio ou recepções da coroa, o largo peito do grande educador desaparecesse sob constelações de pedraria, **opulentando** a nobreza de todos os honoríficos **berloques**.

Nas ocasiões de aparato é que se podia tomar o pulso ao homem. Não só as condecorações gritavam-lhe do peito como uma **couraça de grilos**: *Ateneu! Ateneu!* Aristarco todo era um anúncio. Os gestos, calmos, soberanos, eram de um rei – o **autocrata excelso dos silabários**; a pausa **hierática** do andar deixava sentir o esforço, a cada passo, que ele fazia para levar adiante, de empurrão, o progresso do ensino público; o olhar fulgurante, sob a **crispação** áspera dos supercílios de monstro japonês, penetrando de luz as almas **circunstantes** – era a educação da inteligência; o queixo, severamente **escanhoado**, de orelha a orelha, lembrava a lisura das consciências limpas – era a educação moral. A própria estatura, na imobilidade do gesto, na mudez do vulto, a simples estatura dizia dele: aqui está um grande homem... não veem os **côvados de Golias**?!... Retorça-se sobre tudo isto



O côvado é uma unidade de medida antiga igual a 66 centímetros. Na Bíblia, Davi derrotou o gigante Golias com uma estilingada. Dependendo da versão, Golias tinha de quatro a seis côvados, ou seja, de 2,64 a 3,96 metros de altura.

um par de bigodes, **volutas** maciças de fios alvos, torneadas a capricho, cobrindo os lábios, fecho de prata sobre o silêncio de ouro, que tão belamente impunha como o retraimento fecundo do seu espírito, – teremos esboçado, moralmente, materialmente, o perfil do ilustre diretor. Em suma, um personagem que, ao primeiro exame, produzia-nos a impressão de um enfermo, desta enfermidade atroz e estranha: a obsessão da própria estátua. Como tardasse a estátua, Aristarco **interinamente** satisfazia-se com a **afluência** dos estudantes ricos para o seu instituto. De fato, os educandos do *Ateneu* significavam a fina flor da mocidade brasileira.

A irradiação do reclame alongava de tal modo os tentáculos através do país, que não havia família de dinheiro, enriquecida pela **setentrional borracha ou pela charqueada do sul**, que não reputasse um compromisso de honra com a posteridade doméstica mandar dentre seus jovens, um, dois, três representantes **abeberar**-se à fonte espiritual do *Ateneu*.

Fiados nesta seleção apuradora, que é comum o erro sensato de julgar melhores famílias as mais ricas, sucedia que muitas, indiferentes mesmo e sorrindo do estardalhaço da fama, lá mandavam os filhos. Assim entrei eu.

A primeira vez que vi o estabelecimento, foi por uma festa de encerramento de trabalhos.

Transformara-se em anfiteatro uma das grandes salas da frente do edifício, exatamente a que servia de capela; paredes estucadas de suntuosos relevos, e o teto aprofundado em largo medalhão, de magistral pintura, onde uma aberta de céu azul despenhava aos cachos deliciosos anjinhos, ostentando atrevimentos róseos de carne, agitando os minúsculos pés e as mãozinhas, desatando fitas de gaze no ar. Desarmado o oratório, construíram-se bancadas circulares, que encobriam o luxo das paredes. Os alunos ocupavam a arquibancada. Como a maior concorrência preferia sempre a exibição dos exercícios ginásticos, solenizada dias depois do encerramento das aulas, a acomodação deixada aos circunstantes era pouco espaçosa; e o público, pais e correspondentes em geral, porém mais nu-

A voluta é um detalhe encaracolado que enfeita o capitel de colunas ou peças.

Interinamente: temporariamente.

Afluência: convergência, chegada de pessoas.

No fim do século XIX, na região Norte do Brasil (setentrional), a atividade que rendia grana era a extração do látex da seringueira para fazer borracha, enquanto mais ao sul, era a criação de gado para fazer carne-seca, o charque, já que não havia geladeira e assim era como conservavam a carne.

Abeberar: matar a sede.

Fiado: confiante, crente.

Borla

meroso do que se esperava, tinha que transbordar da sala da festa para a imediata. Desta antessala, trepado a uma cadeira, eu espiava. Meu pai ministrava-me informações. Diante da arquibancada, ostentava-se uma mesa de grosso pano verde e **borlas** de ouro. Lá estava o diretor, o ministro do império, a comissão dos prêmios. Eu via e ouvia. Houve uma **alocução** comovente de Aristarco; houve discursos de alunos e mestres; houve cantos, poesias declamadas em diversas línguas. O espetáculo comunicava-me certo prazer respeitoso. O diretor, ao lado do ministro, de acanhado físico, fazia-o incivilmente desaparecer na brutalidade de um contraste escandaloso. Em ***grande tenue*** dos dias graves, sentava-se, elevado no seu orgulho como em um trono. A bela farda negra dos alunos, de botões dourados, infundia-me a consideração tímida de um militarismo brilhante, aparelhado para as campanhas da ciência e do bem. A letra dos cantos, em coro dos falsetes indisciplinados da puberdade; os discursos, **visados** pelo diretor, pançudos de sisudez, na boca irreverente da primeira idade, como um **Cendrillon** malfeito da burguesia conservadora, recitados em monotonia de realejo e gestos rodantes de manivela, ou exagerados, de voz **cava** e caretas de tragédia fora de tempo, eu recebia tudo convictamente, como o texto da bíblia do dever; e as banalidades profundamente lançadas como as sábias máximas do ensino redentor. Parecia-me estar vendo a legião dos amigos do estudo, mestres à frente, na investida heroica do obscurantismo, agarrando pelos cabelos, **derribando**, calcando aos pés a Ignorância e o Vício, misérrimos trambolhos, consternados e esperneantes.

Um discurso principalmente impressionou-me. À direita da comissão dos prêmios, ficava a **tribuna** dos oradores. **Galgou-a firme, tesinho**, o Venâncio, professor do colégio, a quarenta mil-réis por matéria, mas importante, sabendo falar grosso, o timbre de independência, mestiço de bronze, pequenino e **tenaz**, que havia de varar carreira mais tarde. O discurso foi o confronto chapa dos torneios medievais com o moderno certame das armas da inteligência; depois, uma preleção pedagógica, tacheada de flores de retórica a martelo; e a **apologia** da vida de colégio, seguindo-se a exaltação do Mestre em geral e a exaltação, em particular, de Aristarco e do *Ateneu*. "O mestre", **perorou** Venâncio, "é o

Alocução: discurso rápido.

Grande tenue é "traje de gala", em francês.

Visado: dirigido.

Cendrillon é o nome da Cinderela em francês.

Cavo: grave, cavernoso.

Derribar: jogar no chão.

Tribuna: púlpito.

Subiu (galgou) lá com firmeza, bem-aprumado (tesinho).

Tenaz: resistente, obstinado.

Apologia: elogio, defesa.

Perorar: falar complicado, com pompa.

prolongamento do amor paterno, é o complemento da ternura das mães, o guia zeloso dos primeiros passos, na **senda escabrosa** que vai às conquistas do saber e da moralidade. Experimentado no labutar cotidiano da sagrada profissão, o seu auxílio ampara-nos como a Providência na terra; escolta-nos assíduo como um anjo de guarda; a sua lição prudente esclarece-nos a jornada inteira do futuro. Devemos ao pai a existência do corpo; o mestre cria-nos o espírito (**sorites** de sensação), e o espírito é a força que impele, o impulso que triunfa, o triunfo que **nobilita**, o enobrecimento que glorifica, e a glória é o ideal da vida, o louro do guerreiro, o carvalho do artista, a palma do crente! A família é o amor no lar, o Estado é a segurança civil; o mestre, com o amor forte que ensina e corrige, prepara-nos para a segurança íntima inapreciável da vontade. Acima de Aristarco – Deus! Deus tão somente; abaixo de Deus – Aristarco".

Um último gesto espaçoso, como um **jamegão** no vácuo, arrematou o rapto de eloquência.

Eu me sentia **compenetrado** daquilo tudo; não tanto por entender bem, como pela facilidade da fé cega a que estava disposto. As paredes pintadas da antessala imitavam **pórfiro** verde; em frente ao pórtico aberto para o jardim, graduava-se uma ampla escada, caminho do andar superior. Flanqueando a majestosa porta desta escada, havia dous quadros de alto-relevo: à direita, uma alegoria das artes e do estudo; à esquerda, as indústrias humanas, meninos nus como nos frisos de **Kaulbach**, risonhos, com a ferramenta simbólica – psicologia pura do trabalho, modelada idealmente na candura do gesso e da inocência. Eram meus irmãos! Eu estava a esperar que um deles, convidativo, me estendesse a mão para o bailado feliz que os levava. Oh! que não seria o colégio, tradução concreta da alegoria, ronda angélica de corações à porta de um templo, **dulia** permanente das almas jovens no ritual austero da virtude!

Por ocasião da festa da ginástica voltei ao colégio.

O *Ateneu* estava situado no **Rio Comprido**, extremo, ao chegar aos morros.

As eminências de sombria pedra e a vegetação selvática debruçavam sobre o edifício um crepúsculo de melancolia, resistente ao próprio sol a pino dos meios-dias de novembro. Esta melancolia era um plágio ao detestável pavor **monacal**

Caminho estreito (senda) e árduo (escabrosa).

Sorites são argumentos vagos que parecem válidos, mas levam a uma conclusão falsa.

Nobilitar: enobrecer.

Jamegão: assinatura.

Compenetrado: convencido.

Pórfiro é um tipo de mármore.

Bernhard W. E. Kaulbach (1804-74) foi um pintor alemão especializado em murais com cenas históricas ou bíblicas.

Para os católicos, a dulia é a ponte feita entre as pessoas e Deus por meio da oração para os santos, da veneração.

Rio Comprido é um bairro da região central da cidade do Rio de Janeiro.

Monacal: de mosteiro, de convento.

de outra casa de educação, o negro **Caraça de Minas**. Aristarco dava-se palmas desta tristeza aérea – a atmosfera moral da meditação e do estudo, definia, escolhida a dedo para maior luxo da casa, como um apêndice mínimo da arquitetura.

No dia da *festa da educação física*, como rezava o programa (programa de arromba, porque o secretário do diretor tinha o talento dos programas), não percebi a sensação de **ermo** tão acentuada em sítios montanhosos, que havia de notar depois. As galas do momento faziam sorrir a paisagem. O arvoredo do imenso jardim, entretecido a cores por mil bandeiras, brilhava ao sol vivo com o esplendor de estranha alegria; os vistosos panos, em meio da ramagem, fingiam flores colossais, numa caricatura extravagante de primavera; os galhos frutificavam em **lanternas venezianas**, pomos de papel enormes, de uma **uberdade** carnavalesca. Eu ia carregado, no impulso da multidão. Meu pai prendia-me solidamente o pulso, que me não extraviasse.

Mergulhado na onda, eu tinha que olhar para cima, para respirar. Adiante de mim, um sujeito mais próximo fez-me rir; levava de fora a **fralda** da camisa... Mas não era fralda; verifiquei que era o lenço. Do chão subia um cheiro forte de canela pisada; através das árvores, com intervalos, passavam rajadas de música, como uma tempestade de filarmônicas.

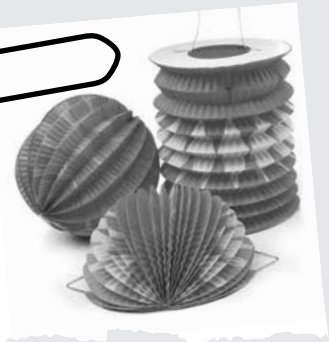
Um último aperto mais rijo, estalando-me as costelas, espremeu-me, por um estreito corte de muro, para o espaço livre.

Em frente, um gramal vastíssimo. Rodeava-o uma ala de **galhardetes**, contentes no espaço, com o pitoresco dos tons enérgicos cantando vivo sobre a harmoniosa surdina do verde das montanhas. Por todos os lados apinhava-se o povo. Voltando-me, **divisei**, ao longo do muro, duas linhas de estrado com cadeiras quase exclusivamente ocupadas por senhoras, **fulgindo** os vestuários, em violenta confusão de colorido. Algumas protegiam o olhar com a mão enluvada, com o leque, à altura da fronte, contra a **rutilação** do dia, num bloco de nuvens que crescia do céu. Acima do estrado, **balouçavam** docemente e sussurravam bosquetes de bambu, projetando franjas longuíssimas de sombra pelo campo de relva.

Algumas damas empunhavam binóculos. Na direção dos binóculos distinguia-se um movimento alvejante. Eram

8 O Colégio do Caraça, em Minas, era um internato de excelência do século XIX. Caraça significa "cara grande".

Ermo: vazio, solidão.



f As lanternas venezianas são feitas de papel. Eram um sucesso na época e, embora criadas pelos chineses, eram vendidas como se viessem de Veneza, Itália.

Uberdade: abundância, fartura.

t Fralda é a parte mais comprida na base das costas da camisa social, que enfiamos na calça.

Galhardetes: bandeirinhas.

Divisar: avistar, notar.

Fulgir: brilhar.

Rutilação: brilho.

Balouçar: balançar.

os rapazes. “Aí vêm!”, disse-me meu pai, “vão desfilar por diante da princesa”. A **Princesa Imperial, regente** nessa época, achava-se à direita em gracioso palanque de **sarrafos**.

Momentos depois adiantavam-se por mim os alunos do *Ateneu*. Cerca de trezentos; produziam-me a impressão do inumerável. Todos de branco, apertados em larga cinta vermelha, com alças de ferro sobre os quadris e na cabeça um pequeno gorro **cingido** por um cadarço de pontas livres. Ao ombro esquerdo traziam laços distintivos das turmas. Passaram a toque de clarim, sopesando os petrechos diversos dos exercícios. Primeira turma, os *halteres*, segunda, as *massas*, terceira, as *barras*.

Fechavam a marcha, desarmados, os que figurariam simplesmente nos exercícios gerais.

Depois de longa volta, a quatro de fundo, dispuseram-se em pelotões, invadiram o gramal, e, cadenciados pelo ritmo da banda de colegas, que os esperava no meio do campo, com a certeza de amestrada disciplina, produziram as manobras perfeitas de um exército sob o comando do mais raro instrutor.

Diante das fileiras, Bataillard, o professor de ginástica, exultava, envergando a altivez do seu sucesso na extremada elegância do **talhe**, multiplicando por milagroso desdobramento o compêndio inteiro da capacidade profissional, exibida em galeria por uma série infinita de atitudes. A admiração hesitava a decidir-se pela formosura masculina e rija da plástica de músculos a estalar o brim do uniforme, que ele trajava branco como os alunos, ou pela nervosa celeridade dos movimentos, efeito elétrico de **lanterna mágica**, respeitando-se na variedade prodigiosa a unidade da correção suprema.

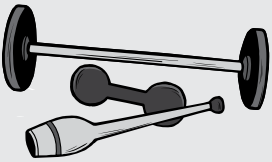
Ao peito tilintavam-lhe as **agulhetas** do comando, apenas de cordões vermelhos em trança. Ele dava as ordens fortemente, com uma vibração penetrante de corneta que dominava à distância, e sorria à docilidade mecânica dos rapazes. Como oficiais subalternos, auxiliavam-no os chefes de turma; postados devidamente com os pelotões, sacudindo à manga distintivos de fita verde e **canutilho**.

Acabadas as evoluções, apresentaram-se os exercícios. Músculos do braço, músculos do tronco, tendões dos

g Aqui, a princesa imperial era Isabel (1845-1921), filha de d. Pedro II, e era regente, pois, na ausência de seu pai, era quem comandava o Brasil.

t Sarrafo é uma tira meio fina de madeira.

Cingido: envolvido, cercado.



t Talhe é a forma, o aspecto do corpo.

g Inventada no século XV, a lanterna mágica é um tipo de projetor de imagens que usa uma vela como fonte de luz atrás de um desenho pintado em um pedaço de vidro.

t Agulheta é um cordãozinho que enfeita alguns uniformes de gala.

t Canutilho é uma miçanga em forma de tubo, geralmente usada para enfeitar roupas.

jarretes, a teoria toda do ***corpore sano*** foi praticada valentemente ali, precisamente, com a simultaneidade exata das extensas máquinas. Houve após, o assalto aos **aparelhos**. Os aparelhos alinhavam-se a uma banda do campo, a começar do palanque da Regente. Não posso dar ideia do deslumbramento que me ficou desta parte. Uma desordem de contorções, deslocadas e atrevidas; uma vertigem de volteios à barra fixa, temeridades acrobáticas ao trapézio, às perchas, às cordas, às escadas; pirâmides humanas sobre as paralelas, deformando-se para os lados em curvas de braços e ostentações vigorosas de tórax; formas de estatuária viva, trêmulas de esforço, deixando adivinhar de longe o estalido dos ossos desarticulados; posturas de transfiguração sobre invisível apoio; aqui e ali uma cabecinha loura, cabelos em desordem cacheados à testa, um rosto **injetado** pela inversão do corpo, lábios entreabertos ofegando, olhos semicerrados para escapar à areia dos sapatos, costas de suor, colando a blusa em pasta, gorros sem dono que caíam do alto e juncavam a terra; movimento, entusiasmo por toda a parte e a **soalheira**, branca nos uniformes, queimando os últimos fogos da glória diurna sobre aquele triunfo espetaculoso da saúde, da força, da mocidade.

O professor Bataillard, enrubescido de agitação, rouco de comandar, chorava de prazer. Abraçava os rapazes indistintamente. Duas bandas militares revezavam-se ativamente, comunicando a animação à massa dos espectadores. O coração pulava-me no peito com um alvoroço novo, que me arrastava para o meio dos alunos, numa leva ardente de fraternidade. Eu batia palmas; gritos escapavam-me, de que me arrependia quando alguém me olhava.

Deram fim à festa os saltos, os **páreos de carreira**, as lutas romanas e a distribuição dos prêmios de ginástica, que a mão **egrégia** da Sereníssima Princesa e a pouco menos do Esposo Augusto alfinetavam sobre os peitos vencedores. Foi de ver-se os jovens atletas aos pares aferrados, empuxando-se, constringindo-se, rodopiando, rolando na selva com gritos satisfeitos e arquejos de arrancada; os corredores, alguns em rigor, respiração medida, beiços unidos, punhos cerrados contra o corpo, passo miúdo e vertiginoso; outros irregulares, bracejantes, prodigalizando pernadas, rasgando o ar a pontapés, numa

Jarrete é o "sovaco" do joelho.

Corpore sano, do latim, significa corpo são, saudável. A teoria mencionada é a do escritor romano da Antiguidade Juvenal, que dizia "mens sana in corpore sano" (se o corpo tem saúde, a cabeça também terá).

Com a Revolução Industrial, tudo ganhava uma aparelhagem. Aliás, é dessa época a ideia de academia de ginástica, com equipamento para se exercitar.

Vermelho, "injetado" de sangue.

Soalheira é o calor do sol muito forte.

Ou seja, competições (páreos) de corrida (carreira).

Egrégio: ilustre, nobre.